

Jornada Pragmática: a influência de Peirce e James na história do pragmatismo¹

Lara de Brum RODRIGUES²

Alexandre Rocha da SILVA³

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, RS

RESUMO

Este artigo busca realizar uma síntese histórica acerca da corrente filosófica do pragmatismo, perpassando pelas visões dos principais autores que colaboraram fundamentalmente para a formulação desse pensamento intelectual. Abordaremos os principais pontos das ideias de Charles Peirce e William James, precursores pragmáticos, para em seguida apresentar as ideias dos demais pragmatistas clássicos, abordando por qual dos dois primeiros filósofos foram influenciados.

Palavras-chaves: Pragmatismo; História; Charles Peirce; William James; Ciência.

TEXTO DO TRABALHO

Em 1871, em um clube metafísico em Cambridge, Massachusetts, Eu costumava pregar esse princípio como uma espécie de evangelho lógico, representando o método não formulado que se seguiu Berkeley. Em uma conversa sobre eu disse "Pragmatismo" (...) É claro que essa doutrina não atraiu atenção particular, pois, como ele havia alertado em minha frase de abertura, poucas pessoas se preocupam com o lógico, mas em 1897, o professor James repensou o assunto, e transformou-a em uma doutrina da filosofia [...]. (PEIRCE, CP. 482)

A corrente filosófica *pragmatismo* é representada como uma contribuição da América para a filosofia mundial. Com um cenário favorável para o surgimento de novas crenças e pensamentos filosóficos, os Estados Unidos é o berço desta corrente de pensamento, sendo impulsionada pela ascensão e influência do puritanismo e da mentalidade dos colonos advindos da guerra civil norte-americana. Sob essa situação político-social, o momento serviu para balançar fortemente as pressuposições e crenças básicas que definiam a vida intelectual na época de 1870.

¹ Trabalho apresentado no IJ - Área 8 - Estudos Interdisciplinares da Comunicação, da Intercom Júnior – XVI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação 5º. semestre do curso de Relações Públicas da UFRGS, e-mail: brumlara1@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor dos cursos de comunicação da UFRGS, e-mail: arsrocha@gmail.com

O pragmatismo foi estabelecido ao final do século XIX, com origem no *Metaphysical Club*, um grupo de especulação filosófica liderado pelo lógico Charles Sanders Peirce, pelo psicólogo William James e pelo jurista Oliver Wendell Holmes Jr. A partir de então, o pragmatismo foi desenvolvido e estudado pelos diferentes filósofos interessados em seus desdobramentos. Cornelis de Waal (2007) considera que de forma amplificada o pragmatismo é uma conexão íntima entre teoria e prática, pensamento e ação: “o pragmatismo é somente um critério de significação, que estipula ser o significado de qualquer conceito nada mais do que a soma total de suas consequências práticas concebíveis.” (WALL, 2007, p. 18). Logo, o pragmatismo preocupa-se em entender como funciona a construção do conhecimento e coloca em choque alguns termos reconhecidos, como, por exemplo, o conceito de verdade. Resumidamente, a corrente acredita que os sentidos de uma ideia acontecem por seus desdobramentos práticos. Nesse sentido, para Waal (2007), o pragmatismo é um método para se fazer filosofia e não uma teoria filosófica.

Nessa direção, este artigo busca realizar uma síntese histórica acerca da corrente filosófica do pragmatismo, perpassando pelas visões dos principais autores que colaboraram fundamentalmente para a formulação desse pensamento intelectual. Primeiramente, daremos início com a introdução ao pensamento de Charles Peirce, precursor do pragmatismo. Em seguida daremos conta das principais ideias produzidas por William James, responsável pela ampliação do pragmatismo. Esses dois teóricos contam com certa importância na presente discussão, pois foram os primeiros pensadores da corrente, tendo suas ideias repercutidas até a contemporaneidade. Assim, ao abordar os filósofos que seguiram com o pragmatismo, apontaremos com qual corrente (peirciana ou jamesiana) o devido autor possui inspiração ou filiação. Para este estudo, abordaremos Ferdinand Canning Scott Schiller, os italianos Giovanni Vailati e Giovanni Papini, depois John Dewey e Clarence Irving Lewis.

Peirce e o Primeiro Pragmatismo

Apesar de o termo “Pragmatismo” não ter sido empregado em seus primeiros textos, sua origem é atribuída à Charles Peirce e sua primeira teoria, acerca dessa filosofia, pode ser dividida em duas partes. A primeira delas culminou no artigo intitulado *Como tornar nossas ideias claras*, o segundo de uma série de seis ensaios intitulados de *Exemplificação da Lógica*

da *Ciência*, de 1877-78. Já a segunda teoria de Peirce, está ligada ao seu pragmatismo, divulgado em 1903 nas conferências em que realizou em Harvard.

O pensamento pragmático de Peirce é desenvolvido a partir de um método para determinar o significado, assim, refere-se essencialmente a certas fórmulas ou regras da prática científica. Seu pragmatismo é de natureza lógica e intelectual, seguindo a mesma linha na qual formulou seus estudos ao longo de sua vida.

O termo “pragmático” aparece para Peirce a partir de Kant. No texto *Metafísica dos Costumes* (1785), Kant estabelece uma distinção entre pragmático e prático, aplicando ao termo pragmático as regras da arte e da técnica que estão baseadas na experiência do indivíduo. Peirce estava interessado justamente nessa lógica e técnica a que Kant se refere, sentindo a necessidade de uma filosofia que tornasse os conceitos claros, ou que construísse definições adequadas e efetivas de acordo com o espírito do método científico. Ou seja, os esforços de Peirce eram de interpretar a universalidade dos conceitos no domínio da experiência de maneira semelhante à usada por Kant em sua crítica da razão prática. (DEWEY, 1998).

Em a *Exemplificação da Lógica da Ciência* (1788), com um artigo intitulado *A fixação da crença*, Peirce dá início ao pragmatismo defendendo que não temos poder de intuição, não temos poder de introspecção, não podemos pensar de outra maneira a não ser por meio de signos e não temos concepção alguma do absolutamente incognoscível. Assim, ao expor suas rejeições, Peirce desenvolve um novo critério de significação que o leva à formulação de sua máxima pragmática, ou, como James chamou, o “princípio do pragmatismo”

Não pode haver concepção alguma do absolutamente incognoscível, já que nada desse tipo ocorre na experiência. Mas a significação de um termo é a concepção que ele veicula. Por conseguinte, um termo não pode ter tal significação (EP 1, 24 apud WAAL, 2007, p. 30).

Peirce vê a máxima pragmática como um critério de significação e não um critério de verdade. Nesse sentido, Dewey acrescenta que a ideia de Peirce

[...] implica essencialmente certa relação com a ação e com a conduta humana. Mas o papel da ação é o de um intermediário. Para ser capaz de atribuir um significado aos conceitos, uma pessoa deve ser capaz de aplicá-los à existência. Ora, é por meio da ação que essa aplicação é tornada possível. E a modificação da existência que resulta dessa aplicação constitui o verdadeiro significado dos conceitos. (DEWEY, 1998, apud RODRIGUES, 2008, p. 120).

Durante os quinze anos finais de sua vida, Peirce gastou muito tempo e esforço explicando, defendendo e até mesmo provando o pragmatismo. Ele acreditava que o sucesso das ciências exige a adequação de uma nomenclatura técnica, em que cada termo possui um único significado estabelecido e bem definido. Logo, Peirce afasta-se do termo “pragmatismo” e adota o seu “pragmaticismo”, onde o sufixo “-icismo” é utilizado para designar uma doutrina. Cornelis de Waal (2007) afirma que esse afastamento do termo não se refere a um afastamento da própria doutrina, mas um distanciamento e até certo descontentamento do que os outros autores fizeram com o pragmatismo.

Em 1903, Peirce realiza uma série de conferências em Harvard, onde procurou discutir criticamente o pragmaticismo. Nesta fase, Peirce procurou desenvolver uma prova de que nossa mente não está fundada em circunstâncias acidentais, ou seja, não é por um acaso que nossa mente funciona do jeito que funciona, mas é construída por meio de signos arbitrários. A partir de então Peirce produziu os conceitos de fenomenologia e ciências normativas, investigando as formas que os fenômenos se apresentam e interagem com a mente, sendo classificados pelo filósofo como primeiridade, segundidade e terceiridade. Assim, a fenomenologia irá se preocupar em estudar os fenômenos conforme eles se apresentam de imediato, em outras palavras, em sua primeiridade. Em seguida, tratará de como eles agem sobre o mundo, se referindo a sua segundidade, para depois se referir a forma que os fenômenos aparecem para uma mente que os interpreta (fenômenos em terceiridade).

Nos anos que se seguiram Peirce publicou três artigos fundamentais para a exemplificação e desenvolvimento de suas ideias acerca da fenomenologia, sendo eles: *What Pragmatism Is* [O que é o pragmatismo] (1905), *Issues of pragmaticism* [Questões sobre o pragmaticismo] (1905) e *Prolegomena to an Apology for pragmaticism* [Prolegômenos a uma apologia do pragmaticismo] (1905).

O Pragmatismo de William James

A história de James e Peirce é anterior ao pragmatismo. Os dois filósofos se conheceram por volta de 1861, no círculo da Harvard Scientific School. Apesar das diferenças de formação acadêmica e familiar, eles se tornaram amigos. “A formação em

medicina, biologia e psicologia - e não em física e matemática - fez com que James tivesse uma perspectiva mais nominalista a respeito da ciência, em oposição ao realismo de Peirce” (KINOUCI, 2007). James foi o primeiro filósofo a escrever o termo “pragmatismo”, no *The Sentiment of Rationality* (1879). Também foi o primeiro a colocar em prática o método do pragmatismo Peirceano, em 26 de agosto de 1898 em frente à União Filosófica da Universidade Berkeley no movimento intitulado “Concepções filosóficas e resultados práticos” (1898). Nessa conferência, James introduziu o “princípio do pragmatismo” e explicitamente atribui esse princípio a Peirce.

Antes disso, os artigos que Peirce escreveu em 1877 quase não atraíram atenção dos círculos filosóficos, que sofriam forte influência do idealismo neo-kantiano. Além disso, a principal razão que levou James a escrever sobre sua leitura do pragmatismo foi o fato de estar preocupado em aplicar o método para determinar o significado de problemas e questões filosóficas.

Peirce era acima de tudo um lógico; enquanto James era um educador e um humanista e desejava forçar o público em geral a imaginar que certos problemas, certos debates filosóficos têm uma importância real para humanidade. (DEWEY, 1998 apud RODRIGUES, p. 122).

O Princípio do pragmatismo, para James, recai sobre sua própria interpretação do máxima pragmática de Peirce. Em sua versão, James escreveu

Para atingir clareza em nossos pensamentos de um objeto [...] precisamos somente considerar quais efeitos de uma espécie concebivelmente prática o objeto pode envolver - quais sensações devemos esperar dele, e quais reações devemos preparar. Nossa concepção desses efeitos, então, é para nós o todo de nossa concepção do objeto, na medida em que essa concepção tem alguma significância positiva. (WJ, 348 apud WAAL, 2007, p. 52)

Assim, James expandiu a máxima de Peirce. Enquanto Peirce atribui que nossa concepção (significado) de um objeto não pode ser outra coisa que os efeitos que concebemos dele, James acrescenta que há efeitos que o objeto “pode envolver”. Ou seja, apesar de nossa concepção, os objetos envolvem situações que vão além do que consideramos. O exemplo trazido por Waal (2007) é o ato de arrancar a bolsa de alguém: isso pode envolver o efeito de tropeçar e arranjar um nariz quebrado, mas arranjar um nariz quebrado não faz parte de nossa concepção de roubar uma bolsa. Assim, os efeitos são “as sensações que devemos esperar e as reações que devemos preparar” (WAAL, p. 53). A diferença ainda está em que “enquanto Peirce almeja relacionar o significado de uma ideia com os hábitos que a ideia ocasiona (que

são gerais, não particulares), James relacionou o significado de uma ideia também a particulares; isto é, sensações e reações” (WALL, p. 53).

Com essa linha de raciocínio, James tenta dar um significado pragmático à noção de verdade; por consequência, seu pragmatismo é associado a uma teoria instrumental da verdade. Em *A vontade de acreditar* (1896), James alega que, em certas circunstâncias, uma pessoa tem o direito de acreditar em alguma coisa mesmo quando não há prova suficiente de sua veracidade. Seu principal argumento é que algumas coisas tornam-se verdadeiras justamente porque acreditamos nelas. Para James, uma crença pode produzir certos hábitos. Estes hábitos são reais e concretos para o indivíduo, produzindo efeitos. Assim, a ação do indivíduo só é modificada porque ele crê e, conseqüentemente, se torna verdadeira. De acordo com Silva (2020), James não busca a verdade da ciência, como Peirce, mas um pragmatismo que entende a crença de um determinado indivíduo a ponto de o levar a tomar uma ação real.

James também lançou suas ideias no *Princípios de psicologia* (1890), onde delimitou ainda mais seu próprio pragmatismo e voltou-se mais profundamente para os estudos da psicologia. Além disso, destaca-se a obra *Pragmatismo* (1975), onde James desenvolveu suas próprias visões críticas às duas tendências dominantes na filosofia da época: o racionalismo e o empirismo.

James e Peirce, influenciaram vários outros filósofos, que utilizaram de suas ideias iniciais acerca do pragmatismo, para desenvolver novas e suas próprias concepções sobre a corrente, assim como, outras diversas formas de aplicabilidade e de como entender os fenômenos do mundo. A seguir, abordaremos tais autores e alguns dos seus principais conceitos chaves.

Schiller: Pragmatismo Humanístico

Ferdinand Carnning Scott Schiller foi o principal embaixador do pragmatismo na Inglaterra. Entre 1893 a 1897 viveu nos Estados Unidos, onde foi instrutor de lógica e metafísica. Também nesse período iniciou seu contato com James sendo fortemente influenciado por ele. Entretanto, já em seu primeiro livro *Enigmas da Esfinge*, de 1891, é possível encontrar traços básicos de seu pragmatismo. Nesta obra, Schiller apresenta o

argumento de que o conhecimento é um produto de interesses humanos, o que torna todas as ações guiadas por desejos indissociáveis do indivíduo.

A partir de 1902, Schiller começa sua campanha a favor do humanismo com a obra *Axiomas como postulados* (1902), o ensaio é seguido de *Humanismo* (1903) e de *Estudos sobre humanismo* (1907). Para a área da lógica, Schiller contribui com *Lógica formal: um problema científico e social* (1912). Nessa última obra, ele apresenta uma crítica humanista da lógica tradicional, pois acredita que não é possível desvincular da lógica os interesses humanos. Vale ressaltar que Schiller também publicou três livros sobre eugenia (ciência que busca melhorar as qualidades genéticas da raça humana pela educação seletiva). Nessas obras, “a defesa schilleriana da eugenia como a salvação da sociedade, com os sentimentos antidemocráticos que a acompanham, colocam-no bem afastado dos pragmatistas americanos”. (WAAL, 2007, p. 83).

Nessa concepção podemos perceber que Schiller foi fortemente influenciado pelas ideias de James, interpretando-as de forma que seu pragmatismo é vinculado à perspectiva humanística, deixando as duas correntes praticamente como sinônimos. Em seu contato com *A vontade de acreditar* (1896), Schiller viu o ensaio como uma denúncia ao impedimento da expansão da vida humana. Para tal, o pragmatismo não pode ser visto simplesmente como um meio para determinar significados, mas também uma forma de determinar como aquela afirmação é verdadeira. (WAAL, 2007). Assim, Schiller acredita que nossos pensamentos e, por conseguinte, todos os nossos conceitos, sempre serão orientados de acordo com algum propósito. Por isso, fez de sua máxima uma distinção entre crenças verdadeiras e crenças falsas. “O que torna verdadeira uma crença ou asserção são seus efeitos sobre ‘algum interesse humano’ e, mais especificamente sobre ‘o interesse com o qual está diretamente relacionada’” (HP, 58, apud WAAL, p. 88). Assim, o pragmatismo humanístico de Schiller vai de encontro com a dissociação dos aspectos humanos do fazer ciência. Para tal, ao desumanizar o pensamento, os filósofos estão se afastando da realidade social, o que acaba dificultando o encontro da verdadeira ciência.

O Pragmatismo Florentino: Pragmatismo Lógico e Mágico

O pragmatismo também teve forte influência na Itália. O próprio fascismo de Mussolini teve inspiração na perspectiva de James, como conta o ditador em entrevista para ao jornal *Sunday Times*. Os pragmatistas italianos mantinham uma nítida divisão entre os que seguiam a linha peirciana de pensamento e os que seguiam a jamesiana. O movimento começou a partir da revista *Leonardo*.

Sob liderança de Giovanni Papini, *Leonardo* foi fundada em 1903 como uma revista militante para jovens intelectuais italianos. De acordo com Waal, “a escolha do nome refletia o desejo de seus fundadores de restaurar a combinação de ciência, arte e grande personalidade que caracteriza o grande mestre do Renascimento” (2007, p. 105). A revista teve duas correntes principais: o pragmatismo mágico de Papini e Giuseppe Prezzolini, inspirados por James e Schiller, e o pragmatismo lógico de Giovanni Vailati e Mario Calderoni, que se orientavam pela perspectiva de Peirce. Os objetivos dos Leonardianos podem ser resumidos nas palavras de Papini, “acordar os adormecidos, mas não quero, ao menos agora, dizer o que devem fazer quando acordarem. Basta-me que não mais fiquem deitados em suas camas habituais e na grama da mediocridade”. (PAPINI, 1906 apud WAAL, p. 106).

Abordando inicialmente o pragmatismo mágico, podemos dizer que teve seu início com *Morte e ressurreição da filosofia* (1903), de Giovanni Papini. Nessa obra, Papini argumentou que os princípios filosóficos só possuem valor quando tornam o ser humano capaz de transformar a realidade. Assim, a meta da filosofia é levar o homem à ação, e a ação, conseqüentemente, leva o homem ao poder, tornando o ser um Deus. É perceptível porque os primeiros fascistas tiveram afeição com as ideias de Papini, pois retomava a ideia de supremacia. De acordo com Waal, as ideias do italiano condizem em dizer que “não devemos nos resignar a aceitar a realidade ‘como ela é’” (2007, p. 110). Nossa responsabilidade não é descrever a realidade, mas moldá-la de acordo com nossos ideais. Não somos nós que temos de nos curvar à realidade, mas a realidade deve cada vez mais ser aproximada. Assim, para o italiano, a realidade deve ser moldada com os ideais tidos como verdadeiros para o indivíduo. Percebe-se que Papini foi influenciado pelas ideias de James quando relacionado a sugestão de que crenças levam a ações, entretanto, Papini desenhou um sentido para justificar que a crença deve moldar a realidade em relações de poder e supremacia, o que não era conduzido por James em seus pensamentos.

Prezzolini também ia ao encontro das ideias de Papini e, em 1908, um ano após o fechamento de Leonardo, fundou a revista *La Voce*, cunhada em questões políticas e sociais. Em 1904, Prezzolini ajudou Mussolini a fundar a *II Popolo d' Italia*, que se tornou o principal meio de divulgação das ideias fascistas.

Em contrapartida, Vailati e Calderoni alinharam-se à perspectiva de Peirce, limitando o pragmatismo a uma doutrina da significação. Para Vailati, a história da ciência tem sua própria lógica interna e não deveria ser vista como um acúmulo constante de teorias. Vailati escreve que seria preciso analisar e considerar o que cada teoria específica possui de efetiva contribuição para a ciência para assim considerar sua formulação e posteriormente descobrir sua lógica. Nessa medida, o autor desenvolve uma visão instrumentalista da ciência. Vailati também considera que conceitos científicos representam operações matemáticas ou constantes físicas e devem ser interpretados como instrumentos que se mostram bem-sucedidos. “As leis da lógica não são verdadeiras ou falsas dependendo de sua conformidade à “realidade das coisas”, mas são “oportunas ou inoportunas de seguir, de acordo com o propósito para o qual são propostas”. (SCRITTI, 1968, p. 152 apud WAAL, 2007, p. 117). Acerca dessa teoria Waal conclui

Longe de sugerir uma virada subjetiva, o pragmatismo incorpora uma busca por mais objetividade, por causa de sua inflexível insistência em experimentos e fatos duros. A máxima pragmática não é um critério pessoal, mas um critério público, no qual o significado e a verdade são interpretados em termos de método científico. (WAAL, 2007, p. 118)

John Dewey

Dewey tornou-se a principal figura do pragmatismo do século XX. Possuindo o privilégio de ser “herdeiro” pragmático, Dewey conseguiu diferenciar as perspectivas de Peirce e James. Para ele, Peirce era um lógico, já James um educador e humanista. Essa diferenciação foi fundamental para a compreensão de Dewey das ideias dos dois pioneiros e a formulação de seu próprio pragmatismo.

Dewey iniciou sua filosofia sob o impacto das teorias evolucionárias do século XIX, mais particularmente, o darwinismo. O enfoque naturalista do pensamento de Dewey encontrou repercussão na obra de William James, *Princípios de psicologia* (1890) - essencialmente darwinista -, sendo a obra que mais o impressionou e influenciou. Entretanto,

Dewey também acreditava no caminho da lógica. Apesar disso, diferia de Peirce, pois - como dito anteriormente - era impactado pelas ideias humanistas, ou seja, sua lógica além de análises matemáticas e das relações triádicas, como as propostas por Peirce, eram difundidas pelas questões biológicas. Assim, com sua grande preocupação acerca de questões sociais e políticas e sua forte crença na capacidade humana de se desenvolver, Dewey fez de seu pragmatismo uma maneira de entrelaçar valores cognitivos, éticos e sociais. Nesse sentido, as obras de Dewey são formuladas a partir de sua teoria da pedagogia, em livros como *Teoria da vida moral* (1960), *Como pensamos* (1910) e *Democracia e educação* (1916). Para o autor a cultura científica é transmitida pela educação.

Antes mesmo da formulação de seu pragmatismo e de sua aproximação com a lógica experimental, Dewey lecionou na Universidade de Michigan, onde conheceu George Herbert Mead. No ano de 1894, Dewey começou a lecionar na Universidade de Chicago. Naquele período, se uniu a um grupo de pensadores com quem publicou *Estudos em teoria lógica* (1903). No ensaio, os autores escreveram que a lógica não pode ser separada da psicologia e a realidade não pode ser definida somente em termos de experiências, não havendo um padrão universal de verdade. James recebeu esse estudo entusiasticamente, concebendo que dali sairia uma nova corrente filosófica que ele apelidou de “Escola de Chicago”. De fato, James, estava certo, a Escola de Chicago teve grande crescimento e reconhecimento.

Com essas influências e acreditando em uma lógica experimental, Dewey formulou seu pragmatismo - mais explicitamente na obra *Como pensamos* (1910) -, acreditando que o pragmatismo representa muito mais do que o resultado de um estudo empírico da inquirição. Logo, assim como Peirce, Dewey via o pragmatismo primeiramente como um método, portanto, o conhecimento é adquirido a partir do método (pragmatismo) que é nada mais do que uma lógica racional. Adquirir conhecimento é, então, do âmbito do racional. Mas Dewey também concordava com James, pois acreditava que o pragmatismo deve ser tão amplo que abarque questões como crenças, verdades e controvérsias. É o que ele chamou de questão da “razoabilidade”. Logo, o pragmatismo como método busca reintegrar o conhecimento com o mundo, levando em consideração as crenças e adversidades dos indivíduos.

Quando se trata de adquirir conhecimento Dewey argumenta que “meu pragmatismo afirma que a ação está envolvida no conhecimento, não que o conhecimento está subordinado à ação ou à prática” (LW 14, 13 apud WAAL, p. 168). O conhecimento, é assim, um produto

de uma situação indeterminada que requer solução e deve ser transmitido de forma que ensine e instigue a busca por soluções. O conhecimento, logo, não é subordinado a resultados práticos desejados. Foram essas ideias que o autor trabalhou em suas teorias da educação. Para ele, o ensino deve se adaptar criativamente a situações problemáticas, estabelecendo pela lógica o que deve ou não ser feito. Assim, de maneira resumida, Dewey acreditava ser possível derivar normas e regras para o processo de inquirição a partir de inquirições bem-sucedidas no passado. Além disso, essa lógica é fundamentada na psicologia, pois, de acordo com Waal, Dewey acreditava que a psicologia é a ciência última da realidade. A psicologia extrai a experiência como um todo, analisando em que contexto o conhecimento foi produzido. Por esse ângulo, além de uma lógica bem-sucedida, deve-se analisar o contexto e os fundamentos psicológicos que levaram aquele processo de “boa inquirição”.

Pragmatismo Conceitual e a Linguagem: Clarence Irving Lewis, Morris, Carnap e Quine

As teorias de Clarence Irving Lewis buscam ligar o pragmatismo com o positivismo lógico. O teórico também foi profundamente influenciado por Kant e pela lógica de Peirce. Desta forma, Lewis procurou saber como conciliar nossa experiência e propósitos que são maleáveis com os fatos duros que se apresentam. O filósofo conclui que “favorecemos aquelas estruturas e modos conceituais de categorizar e classificar objetos que melhor se ajustam aos nossos planos e propósitos. Isso levou Lewis a concluir que ‘os critérios últimos para as leis da lógica são pragmáticas’” (CL, 323 apud WAAL, p. 175).

Lewis direciona seus estudos para a noção de “dado” e “a priori”, formando a base de seu pragmatismo. O dado, para ele, seria o conhecimento completamente sem conteúdo e arbitrário, é a forma como as coisas se apresentam sem considerar nenhuma experiência induzida. Assim o dado contém tanto o real quanto o irreal. É como uma criança quando abre os olhos para o mundo e o vê sem nada *a priori*. O *a priori* é então concebido como as crenças que nós mesmo adicionamos sobre determinado objeto. Ele é, dessa forma, pragmaticamente estabelecido, na medida que possui alternativas e busca dar ordem ao dado.

O momento da interpretação é quando o dado e o *a priori* se juntam. “Isso nos traz à segunda direção que Lewis distinguiu, em que o dado está relacionado não com experiências

futuras efetivas ou possíveis, mas com nossos próprios objetivos e interesses” (WAAL, p. 183). Somos livres para impor ao dado qualquer crença que nos seja cabível àquele objeto, alinhado com meus propósitos. Dessa teoria, Lewis formula seu pragmatismo acreditando que o conhecimento científico também é um conjunto de interpretações impostas, não de maneira neutra, mas a partir de um propósito. É uma sequência de esquemas que nos guiam para conhecer o mundo. A teoria da verdade seria então totalmente pragmática.

Por volta de 1930, acreditou-se que o pragmatismo teria desaparecido, pois o cenário norte americano foi marcado pela ascensão do positivismo lógico. Entre seus principais representantes pode-se destacar Rudolf Carnap. Sua obra *A construção lógica do mundo* (1928) objetivou reduzir todas as alegações sobre a realidade em alegações sobre o dado. Dessa forma, a busca da realidade para os positivistas lógicos funcionava como um espelhamento da realidade,

Assim, não é a experiência única e privada que alguém tem de um certo matiz da cor laranja que constitui o conhecimento, mas como essa experiência se ajusta dentro de uma estrutura maior, que é comunicável.

Para os positivistas lógicos de orientação linguística, isso se resumia à questão de como relacionar a experiência a uma linguagem [...] em que a “linguagem” deve ser interpretada amplamente como “um conjunto de símbolos que devem ser combinados de acordo com uma sintaxe lógica definida”, com o propósito de “espelhar ou exprimir fatos”. Para os positivistas lógicos, uma afirmação expressa um fato, não por causar certas sensações, mas por meio de sua semelhança estrutural com o fato. (WAAL, 2007, p. 191)

Entretanto, os pragmatistas eram estritamente contra essa noção de espelhamento. Charles Morris percebia certa ligação entre as duas tendências quando relacionadas a questão do significado, “Enquanto os pragmatistas buscam ligar o significado de, digamos, uma proposição com a expectativa da pessoa que usa, os positivistas lógicos ligam seu significado com as regras sintáticas da linguagem que determina seu uso (legítimo).” (Waal, 2007). O positivista não olha para aqueles que usam o significado ou seus estados mentais, mas como ele se ajusta na linguagem.

Apesar de tudo Carnap deixou contribuições para o pragmatismo - apesar de nunca ter usado o termo. Em sua obra *A sintaxe lógica da linguagem* (1934), o autor institui o “princípio da tolerância”, afirmando que uma pessoa pode optar por determinados “arcabouços linguísticos”, ou seja, todos são livres para escolher o tipo de linguagem que desejam, escolhendo o “arcabouço” que lhe parecer mais necessário. Em seguida, por volta de 1936 e 1937, ele publica no periódico *Philosophy of Science*, sua principal contribuição para o pragmatismo a obra *Testabilidade e significado* (1936), onde interpreta a questão da

verificação como uma ligação que se estabelece entre falante e linguagem, pertencendo, assim, à pragmática. É nesta obra, também, que o autor descreve sobre o princípio do verificacionismo utilizado pelos positivistas lógicos, pois uma sentença só se torna verdadeira se podemos verificá-la. “Saber o significado de uma sentença é saber como traduzi-la em sentenças de observação. Por exemplo, ‘Esta xícara de chá é frágil’ significaria ‘se esta xícara de chá for derrubada no chão, ela se quebrará’”. (WAAL, 2007, p. 197).

Opostamente a Carnap, Willard Van Orman Quine, ex aluno de Lewis, rejeitou a ideia de que o elemento pragmático está ligado somente à linguagem e que, após essa escolha, as consequências seriam todas não-pragmáticas. Em sua obra, *Dois dogmas do empirismo* (1951), buscou banir o reducionismo e a separação entre o analítico e o sintético. Quine sustenta que nada está isento de revisão, assim é possível haver sentenças para as quais nenhum fator extralinguístico pode ter qualquer efeito sobre os valores de verdade, logo, o pragmatismo seria meramente uma visão do princípio da verificação. (WAAL, 2007).

Considerações Finais:

A partir do que foi exposto percebe-se Peirce e James como dois teóricos pragmáticos que, utilizando da mesma corrente, interpretaram de maneiras diferentes os fenômenos do mundo. Tendo em Peirce um caráter lógico e matemático, o que possibilitou criar seu pensamento voltado para a lógica e estruturação do pensamento, enquanto James, voltou-se para as questões de incluem acima de tudo as crenças de cada indivíduo. A partir dessa pequena análise de diferenciação, já percebemos que o pragmatismo começou a divergir em ideias, o que possibilitou um cenário fértil para a difusão dos conceitos e influência em diversas áreas do conhecimento. Nesse sentido, também percebe-se a importância que esses dois teóricos tiveram para disseminação e difusão da corrente. Ora, podemos pensar que, se não fosse o apego de James as ideias de Peirce, a corrente pragmática possivelmente não teria o tamanho e as proporções que hoje possui. Peirce e James foram extremamente ricos em suas aceções e ideias, o que possibilitou que outros filósofos se inspirassem, tornando a corrente tão vasta em conhecimento e aplicada a diversas áreas, como a psicologia, a educação e até mesmo o desenvolvimento de ideologias políticas.

No âmbito da diferenciação das correntes, vimos que Peirce está fortemente apresentado nas ideias de Vailati, Lewis e Quine, da mesma forma que Schiller, Papini e

Prezzolini se voltaram para James. Também tivemos teóricos que utilizaram das duas correntes, de forma a complementar seu próprio pensamento (é o caso de Dewey, por exemplo). Por fim, ressaltamos que todas as correntes possuem suas próprias assertibilidade e se desenvolvem em vários ramos e campos de estudo, contribuindo fundamentalmente para o entendimento da construção do pensamento e da busca da verdade e da ciência.

Referências Bibliográficas:

ANCIETO, Paulo Damián. *LA MEMORIA COMO UN SIGNO DE DEUDAS IMPAGAS La teoría de los signos de Charles Peirce y la fenomenología de la memoria de Paul Ricoeur*. Revista: Question. Vol. 1, N.º 38, 2013. Disponível em:

<<https://perio.unlp.edu.ar/ojs/index.php/question/article/view/1798/1594>> Acesso em: 19 de jan. de 2020

CARNAP, R. *Logical Syntax of Language*. Trad. Amethe Smeaton. London: Routledge & Kegan Paul Ltd., 1937

CARNAP, Rudolph. *Testability and Meaning* (TM). Philosophy of Science (1936)

CARNAP, R. [1928a] *The Logical Structure of the World and Pseudoproblems in Philosophy*. Trad. Rolf A. George. 2 ed. Chicago: Open Court, 2005

DEWEY, J. *Como pensamos*. 2. ed. Tradução de Godofredo Rangel. São Paulo: Nacional, 1953

DEWEY, J. *Democracia e educação: introdução à filosofia da educação*. 3. ed. Tradução de Godofredo Rangel e Anísio Teixeira. São Paulo: Nacional, 1959b.

DEWEY, John. *O Desenvolvimento do Pragmatismo Americano*. Tradução de Cassiano Terra Rodrigues. Gognitio-Estudos: Revista Eletrônica de Filosofia. São Paulo, volume 5, número 2, 2008, p. 119 - 132. Disponível em:<https://www.pucsp.br/pragmatismo/downloads/3cog_est_52_Dewey.pdf> Acesso em 19 de jan. de 2020

DEWEY, John. *Teoria da Vida Moral*. Editora: Ibrasa, 1960

FERRAZ, Sérgio Eduardo. *O neopragmatismo de Richard Rorty e a reflexão política contemporânea*. Rev. Sociol. Polit. vol.22 no.49 Curitiba, 2014. Disponível em:

<https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-44782014000100005>. Acesso em: 30 de jan. de 2020

HAACK, Susan. *Defending Science - Whithin Reason* (DS). Amherst, 2003

HAACK, Susan. *Evidence and Inquiry: Towards Reconstruction in Epistemology* (EI). Oxford, 1993

HAACK, Susan. *Menifesto of a Passionate Moderate* (M). Chicago, 1998

HINCAPIÉ, Gabriel Méndez. *Pragmática sin pragmatismo*. Discusiones Filosóficas. Año 11 N° 17, julio – diciembre, 2010. pp. 181 - 203. Disponível em:
<<http://www.scielo.org.co/pdf/difil/v11n17/v11n17a10.pdf>>. Acesso em: 19 de jan. de 2020

IBRI, Ivo Assad. *AS CONSEQUÊNCIAS DE CONSEQUÊNCIAS PRÁTICAS NO PRAGMATISMO DE PEIRCE*. Cognitivo: Revista de Filosofia. ANO 1 / N° 1 - 2º SEM. 2000 - SÃO PAULO / p. 30-45. Disponível em: <<https://ken.pucsp.br/cognitiofilosofia/article/view/13392/9928>> Acesso em: 19 de jan. de 2020

JAMES, William. *A vontade de acreditar*. Tradução de Kamila Pereira, Editora: Textos para Reflexão, 2014)

JAMES, William. *Pragmatism*. Cambridge, Mass., 1975

JAMES, William. (1974). *Princípios de Psicologia*. (P. R. Mariconda, Trad.). Em Coleção os pensadores. São Paulo: Abril Cultural. (Trabalho original publicado em 1890)

JAMES, William. *The Sentiment of Rationality*. Editora : Andesite Press, 2017

KANT, Immanuel. *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*. Traduzido do alemão por Paulo Quintela. Lisboa: Edição 70, 1986

KINOUCHI, Renato Rodrigues. *Notas introdutórias ao pragmatismo clássico*. scientiæ zudia, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 215-26, 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/ss/v5n2/a04v5n2.pdf>>. Acesso em 22 de jan. de 2020

PEIRCE, Charles S. *The Collected Papers of Charles Sanders Peirce*. Ed.: C. Hartshorne & P. Weiss - vol(s). I-VI- & A. Burks - vol(s). VII-VIII; Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1931-35; 1958.

RORTY, Richard. *A filosofia e o espelho da natureza*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994a.

RORTY, Richard. *Objetividade, Relativismo e Verdade: Escritos filosóficos*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997

SANTAELLA, Lucia. *A Assinatura das coisas: Peirce e a Literatura*. Imago Editora LTDA, Rio de Janeiro, 1992

SCHILLER, F. C. S. *Axioms as Postulates (AP)*. In: *Personal Idealism*. Ed. Henry C. Stuart. London, 1902

SCHILLER, F. C. S. *Formal Logic: A Scientific and Social Problem*. London, 1912

SCHILLER, F. C. S. *Humanism: Philosophical Essays*. London, 1903

SCHILLER, F. C. S. *Studies in Humanism*. London, 1912

TEITELBAUM, Kenneth; APPLE, Michael. *Clássicos: John Dewey*. Currículo sem Fronteiras, v.1, n.2, pp. 194-201, 2001. Disponível em:
<<https://www.curriculosemfronteiras.org/classicos/teiapple.pdf>>. Acesso em: 22 de jan. de 2020

WAAL, Cornelis de. *Sobre Pragmatismo*. Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 2007